

Na fala-em-interação social, é comum os participantes falarem em sobreposição e logo restabelecerem a orientação básica da conversa, “fala um de cada vez”. Há ocasiões, contudo, em que a sobreposição de vozes se torna um obstáculo para as ações que os participantes estão co-construindo, sendo então acionadas práticas para a resolução da sobreposição. Em trabalho anterior (Stein & Garcez, 2010), atestamos em dados de conversa em português brasileiro a descrição de Schegloff (2000) sobre o fenômeno e a operação do dispositivo organizacional para a resolução de sobreposições. Nesse e em artigo mais antigo (Schegloff, 1995), o autor apenas indica que o número de participantes seria relevante para o gerenciamento de sobreposições. Havendo mais de dois participantes presentes, o empreendimento das práticas de gerenciamento da fala simultânea sofreria modificações, pois entraria em questão o alinhamento do participante a quem os turnos sobrepostos são endereçados. No presente trabalho, portanto, buscamos flagrar ocorrências de sobreposição em interações de múltiplos participantes, atentos a possíveis modificações no gerenciamento de sobreposições. Dados audiovisuais de conversa cotidiana entre cinco participantes, totalizando cerca de uma hora e meia de interação, foram gerados, segmentados, transcritos e por fim submetidos a análise sequencial. Encontramos ocorrências de falas sobrepostas que revelam íntima relação entre o direcionamento de olhar e a tomada de turnos e, assim, com o gerenciamento da sobreposição. Mediante coordenação do direcionamento de olhar, os participantes estabelecem qual turno ou ação sobreposto/a será ratificado/a pela atenção de um mesmo interlocutor endereçado, tornando desnecessário o empreendimento de práticas para o gerenciamento da fala simultânea. Concluímos, portanto, que práticas não-verbais de alocação de turnos nesses casos resultam na não-problematização de sobreposições.